

Jornal das Senhoras – Tomo I - 25 de abril de 1852 - Edição 17

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=153>

TOMO I. – DOMINGO, 25 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.

Offerecemos hoje ás nossas assignantes uma estampa composta de differentes modelos de roupa branca, que os francezes chamão *modeles de lingerie*. Nesta estampa encontrará a Sra. casada, solteira, ou viuva, um ou outro modelo que lhes possa convir, servindo-lhes de guia a acanhada explicação que vai dar esta serva humilissima, cujo nome encontrarão em letras muito pequeninas no fim deste artigo.

A substituição dos riscos de bordados pela presente estampa mereceu a minha approvação. Era já tempo de fallar-vos na roupa de andar em casa e das suas grandes conveniencias.

Antigamente ia fazer-se uma visita a esta ou aquella senhora, e era de necessidade esperar uma boa hora pelo menos, que a dona da casa se fosse vestir e preparar, porque ella se achava em um completo desalinho, o que antigamente tambem se chamava *estar a gosto*. Resultava d'aqu a visita mortificar-se na sala e a dona da casa no quarto, ainda mesmo tendo empregado a com-ipetente somma de beliscões nas afadigadas mucambas, apparecendo depois muito vermelha e quasi sempre mal vestida e vexada. No dia seguinte repetia a mesma cousa.

Hoje porém já não acontece outro tanto; todas as senhoras de educação sabem perfeitamente vestir-se, todas ellas distinguem a sua roupa de andar em casa, espartilhão-se e preparão-se á *hora destinada* de receber visitas. Porque hoje tambem já nos vamos acostumando ao uso christão de fazermos visitas a horas certas e determinadas pela prudencia e pelo estado da nossa civilisação. Era uma grande medida reclamada ha muito.....

Está sabido por tanto, no circulo da gente de boa sociedade, quaes são essas horas dedicadas ás visitas; e o profano que ignorar essa mui conveniente etiqueta, que aprenda a sua

custa e ouça o recado que lhe dá a criada lá de cima da escada - *Minha ama por agora não pode fallar a ninguem, volte o Senhor ás cinco horas da tarde*. Este já ficou sabendo para outra vez.

Por esta fórma goza cada uma de nos de um tempo dado em que livremente nos applicamos aos nossos deveres, e podemos então *estar ao nosso gosto*, como dizião os antigos e ainda muita gente o diz. Mas nós não iremos com elles que, para estarem a seu gosto tirão a casara os homens, e desacolxetão os vestidos as senhoras. Nós temos as roupas largas para esse fim; e o modelo da presente estampa vos mortrará uma das mais distinctas e commodas.

Irei seguindo a numeração da estampa.

N. 1. - É um modelo de collete fechado com uma pequena e engraçada gola voltada. Estes colletes usão-se de fustão, ou fino metin branco, para os vestidos de chita em cassa; de seda ou chamalote, lisos e bordados, enfeitados de lindissimas aboloaduras, para os vestidos de seda ou de lã. A casa de Mme. Barat recebeu pelo ultimo paquete alguns de renda, applicação de Inglaterra, sobre forro de nobreza de côr, para os vestido de maior *toilette* de visitas de cerimonia e grandes jantares. Oh! é tudo que ha de mais delicado e perfeito neste genero.

N. 2. Representa um pequeno camisote de cambrinha enfeitado de tiras, bordado inglez, entremeios e finissimas preguinhas no peito e em circumferencia das mangas. A saia, que é separada do camisote, está guarneçada com duas ordens das mesmas tiras, entremeios e preguinhas. Trage de estar em casa de manhã.

N. 3. - Uma camisinha afogada, de cambraia de linho ou cambrinha, enfeitada de preguinhas so comprido, com estreitas tiras encrespadas guarnecendo a abertura e o collarinho.

N. 4. E uma touca suissa, de muito capricho, para o inverno. A parte superior, que deve cubrir a superficie da cabeça, é de veludo preto cingida por duas ordens de fita de setim da mesma côr encrespada, por baixo da qual nasce a primeira ordem de renda preta, depois a segunda e a terceira, enfeitadas aos lados de fita azul estreitinha ou côr de rosa. Esta tonca é toda forrada de seda, e as duas grandes pontas são tambem de fita azul clara com uma tira cosida de veludo preto,

N. 5. Touca que completa o traje de estar em casa de manhã: é de um delicado trabalho de entremeios e tiras encrespadas, de um gosto todo distincto. Encontrareis tambem em casa de Mme. Barat todos estes objectos do primor da arte.

Sinto não poder vos dar neste artigo noticia das distinctas e valiosas fazendas que a casa Wallerstein e C.<sup>a</sup> recebeu por este ultimo paquete. Para o numero seguinte me occuparei disso, bem entendido, se as elegantes me derem licenca e não comprarem antes o que ha de mais *distingué*, como aconteceu com os vestidos de barege branco de barras escocezas, que voarão! Oh! como são lindos estes vestidos! Vierão promptinhos, cada um com o seu mantelete; de sorte que mais meia duzia de pontos completa-os para servirem dahi a pouco!

Infante, 23 de abril.

*Christina.*

---

## ESTUDOS

### LIÇÃO III.

Ha já tempos que suspendi as nossas lições, sempre pelas razões alheias à minha vontade.

Percorrei alguns dos numeros do passado trimestre, e encontrareis a promessa que vos fiz de repartir comvosco os poucos conhecimentos que passuo - por outra, e mais propriamente follando - revelar-vos o que penso, que e mais do que aprendi.

Eis-nos pois, tratando de esboçar em poucas linhas, o que é necessario volumes para explicar.... e um grande atrevimento sem duvida, porém eu tratarei que essa explicação não seja complicada, e observando a ordem encyclopedica á que de ante-não me propuz, vos darei uma idéa a mais suscista possivel da primera parte da sciencia que trata do conhecimento de nos mesmos.

Ha um erro, vulgarmente admittido, que dá o nome de cinco sentidos aos apparentes aparelhos organicos, que servem de conductores as percepções e sensações d'alma. Como este erro onde primeiro se aprende é na doutrina christã, não vos fallarei d'elle senão ligeiramente, destruindo porém o preconceito que elle encerra.

Não ha cinco sentidos corporaes; ha percepção exterior d'alma, por meio de órgãos corporaes que a poe em contacto visivel e invisivel com os objectos materiaes. - Órgãos, que são os conductores das emoções differentes que podemos sentir.

Os sentidos são a mesma alma - porém a alma não é o olho, não é o ouvido, não é a mão, não é o paladar.

O sentido que chamamos – tacto - tem por órgão a superficie do corpo todo. É por meio do tacto que recebemos as sensações de prazer ou

de dôr, de calor ou de frio, e é por meio do tacto, que recebemos a prova material da alheia individualidade, e que se fortifica a consciencia da propria existencia, ou do-Eu-.

O sentido que chamamos - vista, cujo órgão são os olhos, é o que mais directamente se corresponde com a força intelligente da alma, e mesmo com a força sensível, porque é por meio delle que percebemos os objectos, e que o juizo estabelece as gradações da cor, da luz, das distancias e da profundidade. Comtudo, o juizo que parte da simples vista, é quasi sempre enganoso; e para prova ahi está o que vulgarmente se chama horizonte, que já sabeis é essa linha curva que em uma grande extensão plana, seja de terra, seja d'agua, parece unir a superficie com o que commumente se chama Céu: isso que não é outra cousa que o espaço.... O espaço, a immensidade, aquillo que a mente humana não póde medir nem comprehender, porque é o infinito; e a mente humana é limitada. A vista, que desperta as nossas paixões por meio de impressões que excitão a sensibilidade e provocão o sentimento chamado - amor, sympathia ou quer que seja - é sempre por meio dos olhos, que sentimos as primeiras predisposições da attracção ou de repulsão, predisposição que póde existir no sangue, nos humores, na compleição de dois individuos. São daquelles arcanos que Deus reserva para si.

A orelha é o órgão do sentido; o som que ella nos transmite, produz tambem, como é natural, sensações gratas ou desagradáveis; no mais que se refere ao mesmo tempo, chega a ser um tanto metaphysico, e eu temo entrar em explicações que me não permite o espaço desta folha.

O nariz, órgão do olfato, pelo qual percebemos o cheiro, ajuda o gosto nas suas funções, e ambos em relação produzem sensações analogas.

Cada um sentido d'alma, servido pelo seu competente órgão, vem a justificar a existencia do – Eu - e do - não Eu - o que quer dizer – a propria e a alheia individualidade.

Da percepção nasce - a sensação, desta - a emoção, e da emoção - o juizo ou idéa.

*(Continua.)*

O espirito de sociedade e do agrado é commummente a partilha das mulheres; parece, geralmente fallando, que ellas são feitas para suavisar os costumes dos homens. *Voltaire.*

---

A sociedade depende das mulheres; todos os povos que tem a désgraça de as encerrar são insaciaveis. *Idem*

---

Que suplicio ter-se de agradar a um homem, que não é amavel! morre-se de aborrecimento?! *Mme. de Mentenon.*

---

Os Esposos se devem mutuamente fidelidade e auxilio; o marido deve protecção a sua mulher, a mulher obediencia a seu marido. *Portalis.*

---

O dote das mulheres tem uma hypoteca privilegiada sobre os bens dos maridos; porém a honra destes não tem outra senão a sua propria confiança, e a discripção de suas mulheres. *Paris, l'Amour et les Femmes.*

---

O espirito das mulheres é como o jardim do Eden, que produzia bellos fructos sem ter necessidade de cultura. *Sanial Dubay*

---

POESIA.

DEDICADO

AO

**Sr. I. P. C. F.**

Matisada borboleta,  
De flor em flor adejando,  
Ia com graça e destreza,  
Uma por uma beijando.

A' essa linda voluvel,  
Nenhuma flor agradava,  
Só as vezes esquecida,  
Para a mesma flor voltava.

Cançada de tanta lida,  
De tão continuo voar,  
N'uma rosa delicada,  
Foi brandamente pousar

Breves momentos gosou,  
Doce perfume da flor,  
Sorvendo nectar divino,  
No meio da fina còr.

- 131 -

E já de novo tentando  
Sua inconstancia ensaiar,  
A misera sentiu-se presa,  
Sem forças p'ra se ausentar.

Aquella, que então vivera,  
Sempre, sempre a variar,  
A' bella, magica flor,  
Não podia abandonar.

Esforços mil empregados,  
Todos forão sem proveito,  
Da rosa aguçado espinho,  
Lhe havia ferido o peito.

Desgraçada! tantas flores,  
Innocentes despresaste,  
A' uma, tão malfaseja,  
Sem receios te entregaste!!!

Jonio, tu que és tão voluvel,

E não guardas afeição,  
Foge d'alguma flor,  
Que te fira o coração.

A. . . .

**À Exma. Sra. D. A. M. S. R.**

Tu és linda como um lyrio  
Que abriu na solidão,  
Como a virgem de Murillo,  
Como a rosa ainda em botão.

Tu és linda como a lua  
Nas aguas a dardejar,  
Como a nuvem vaporosa,  
Como a perola do mar.

Tu és linda qual estrella  
Que produz a madrugada,  
Como o murmurio da fonte,  
Como a brisa perfumada.

Tu és linda como a hora  
Em que finalisa o dia,  
Como a harmonia da vaga,  
Qual o anjo da poesia.

És da terra a maravilha,  
Es un anjo do senhor;  
Tu serás a minha musa  
Eu serei o teu cantor!

*Salomon.*

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucha.

MICHELET, Historia de França.

#### CHEGADA AO PORTO.

Quinze dias são decorridos, desde aquelle em que deixamos a sumaca *Francesca di Rimini* no Paraná, o Dr. Alsina prostrado a uma dor superior ás forças humanas, e sua corajosa mulher lutando com seu filho entre as rapidas correntes do rio.

Dois bravos marinheiros italianos, atirando-se ao rio, salvárão as innocentes victimas de uma devoção heroica e de um barbarismo atroz.

Recolhidos a bordo a mãe e o filho, a tripulação os tomou debaixo da sua protecção; Giovani, á testa do resto dos seus companheiros, manifestou solemnemente que estavam dispostos a morrer antes que se tocasse em um só cabello dos seus protegidos. A luta podia ser travada, porém se os marinheiros succumbissem quem governaria o barco? quem faria as manobras? Forçoso foi ceder.

Estamos pois no decimo quinto dia depois desses acontecimentos, e no seguinte da madrugada que acabamos de passar entre o general Rosas e seus dois loucos.

O juiz de paz e a sua gente passarão muito mal de saude durante a viagem, e estendidos sobre o convés da sumaca, pallidos e abatidos, desejão ardentemente o momento de saltar em terra.

São pouco mais de oito horas da manhã, quando a sumaca deu fundo no lugar que ali se chama *balizas interiores*.

O juiz de paz, que máo grado à sua autoridade e ás suas bellas esperanças de maiores dignidades, foi presa do incommodo geral, procura vencer o mal-mofina com tante que o preocupa e envenena os seus brilhantes sonhos, para dar principio ao seu *toilette* de desembarque.

O Dr. Alsina e sua familia, reunidos em estreito grupo, estão em um canto do convés, entregues á silenciosa dor que opprime seus coracoes.



A cidade de Buenos-Ayres que avistão desde bordo, causa-lhes um triste prazer; elles no meio do horrivel infortunio que os acabrunha, encontram ainda um melancolico sorriso de saudação, que dirigem á idolatrada patria!

Signaes convencionados de ante-mão annunciação ao capitão do porto que é aquelle o barco esperado ha tantos dias, e portanto elle se dirige a bordo.

Conhecemos, desde a nossa infancia, o homem que ha tantos annos occupa o importante emprego de capitão do porto em Buenos-Ayres. (1)

Não revelaremos as particularidades da sua vida privada, nem quaes forão os primeiros degrãos que o produzirão na sociedade.... a decencia nos prohiu de o fazer.... D. Pedro Jimeno é uma criatura que só lembramos pela necessidade do seguimento do nosso romance, mas o seu melhor elogio é saber que Rosas o conserva no seu emprego ha 15 ou 16 annos! O que significa que D. Pedro Jimeno é um homem completamente insignificante, que se presta com facilidade a tudo quanto pode existir no mundo de criminoso, baixo, e malvado.

O juiz termina o seu toilette-larga calça de panno azul, fardeta meia abotoada, e largas fitas vermeilhas no peito e no chapéo.

(1) Nossos leitores não devem esquecer que este romance foi escripto durante a tyrannia de Rosas.

(\*) Vide o n. 16.



A balieira do capitão do porto atraca ao costa do da sumaca.

O juiz de paz, que já tem preparado seus discursos oratorios, toma os seus ares mais magestosos, e se adianta a receber seu illustre collega. Mal cumprimentão-se, e o juiz falla nestes termos:

-Sr. capitão do porto, o zelo que sempre me animou pela santa causa da federação de toda a America em geral, e pela prosperidade do illustre restaurador das leis, levou-me a abandonar os meus deveres là da campanha, e dirigir-me aqui á capital, escoltando o selvagem unitario Valentim Alsina, capturado por mim no momento que talvez viesse perturbar o socego da republica. Traidores e selvagens unitarios, tão revoltosos como o proprio Alsina, intentarão subtrahir-o ao justo rigor das leis; porém o denodo e o zelo infatigavel do benemerito joven, o federal D. Julião Fabre, soube obstar a tão criminoso attentado. Eu deposito meu prisioneiro nas mãos do Sr. capitão do porto, que sem duvida já terá recebido as competentes ordens de S. Exmo illustre restaurador.

- O Jimeno respondeu:

- Felicito a V. S. pelo importante serviço que seu patriotismo acaba de prestar a causa da ordem e da America em geral; S. Ex. o Sr. governador de tudo está instruido, e tenho ordens sobre o preso, sobre V. S. mesmo e sobre o heroico federal, D. Julião Fabre. Vamos conduzir para o Ponton o selvagem unitario, e se o Sr. juiz e o Sr. Fabre querem aceitar a minha balieira iremos depois para terra, onde espera o Sr. coronel Corbalan, que é quem deve apresental-os a S. Ex. o illustre restaurador.

O juiz de paz não acha expressões com que patentear o seu goso; nada pôde expressar seu contentamento, por isso conforma-se com esfregar as mãos e redobra os ares de importancia.

O fanatico Julião pronuncia em agradecimento alguns monosylabos, e o capitão do porto dá as ordens da partida:

O momento supremo chegou para a familia do proscripto!

*Adeos!*

Oh! quem pode traduzir na linguagem dos homens a dor intensa de dois corações irmãos, que se arrancão um do outro á força!

Esse ultimo e supremo beijo do - adeos.... quem poderá deffinil-o ?... quem explica o immenso martyrio desse pranto?

A balieira se afasta, e D. Antonia apertando seu filho entre seus braços, ambos confundem-se m pranto doloroso....

Os marinheiros os rodeão em silencio tambem; grossas lagrimas gotejão por aquelles rostos queimados do sol, e cahem sobre seus nobres peitos.

O homem da nodoa vermelha aproveita a distracção geral, e pelo lado opposto desce e embarca-se no bote que mandára previnir de ante-mão....

Sua missão infernal está concluida, e elle vae perder-se na multidão diurna que percorre afanosa em todas as cidades do mundo.... ignorado e tranquillo vae fruir o fructo do seu crime.... mas, seu triumpho será passageiro, que a justica de Deos o alcançará algum dia!

### O CORONEL CORBALAN.

Desde as seis horas da manhã a casa de Rosas principia seu movimento diurno; pessoas da alta sociedade, assim como da ultima cla se do povo, todos dependem de Rosas, todos frequentão a sua casa, todos se curvão a elle.... e elle pelo seu turno, sabe modelar a sua linguagem á altura de cada um.

Estrangeiros, nacionaes, homens brancos, de côr, senhoras, mulheres do povo, tudo ali vae ter!

Rosas já sabe que Alsina chegou, está do melhor humor possivel; despacha todos os requerimentos que the apresentam, e açoita e *sopra* os doudos para festejar a entrada do seu ajudante de ordens favorito - o coronel Corbalan.

Corbalan não era só seu ajudante de ordens, era seu creado, seu bobo, e o *cego* instrumento de todas as suas venalidades, caprichos e determinações.

Como individuo moral, Corbalan é insignificante, estúpido e redondo como um - 0.

Por ventura sua, tem bom ouvido, lingua quieta e intelligencia de pedra.

O individuo physico, não diremos que é magro, porque essa denominação cabe a pessoas que tem pouca carne, mas Corbalan não tem carne alguma sobre seus ossos e seus nervos enxutos. está pegada a pelle amarellada e secca, como o pergaminho.

É um vivente dissecado! O Sr. ajudante de ordens, é alto, e a trinta passos de distancia contão-se-lhe as costellas que se desenhão indiscretamente sobre a farda.

Sua espinha dorsal forma uma curva tão perfeita que, em pé, Corbalan é um F perfeito, e sentado um algarismo-5.

A sua cabeça, pellada e redonda, tem a figura de um queijo de Hollanda, e está cuberta de uma cabelleira avermelhada, que não se ajustando

bem ao molde, ha adquirido um movimento constante de rotaçãõ sobre si mesma.

Quando as commissões do chefe põe o ajudante em marchas forçadas, a gaiata cabelleira manga às direitas com seu dono, o qual por distracção esquece sempre a origem dos acasos singulares e extraordinarios que o perseguem.

## O PONTON E OS SEUS DOIS COMMANDANTES.

A prisão denominada com o nome de Ponton, cra um barco velho e podre, fundeiado no que se chama em Buenos-Ayres *balizas exteriores*, e que não sabemos porque magico segredo resistia elle às violentas tempestades do Rio da Prata.

Depois de tudo quanto se tem escripto sobre os Pontões da Inglaterra, e sobre as prisões maritimas de Toulon, nada temos a accrescentar sobre o nosso velho Ponton, para onde Rosas enviara o Dr. Alsina.

A reforma das prisões não devia esperar-se que principiasse debaixo da dictadura assassina de Rosas, nem disto o culpamos, porque paizes Vizinhos, trilhando a senda da civilisação, ainda se não lembrarão de pôr mãos a obra tão necessaria e tão analoga às necessidades de uma sociedade morigerada e christã!

Differentes presos politicos existem no Ponton, guardados por dois commandantes e uma força de infantaria negra de vinte e cinco praças, que fazem a guarda semanal.

O primeiro commandante do Ponton, é um Americano do Estado de *Massachuts*, que é o mesmo que dizer um *Jankee* perfeito. Quem sabe, se não descendia da raça dos *Hurones*!

Seu nome é John Anderson. Alto, secco, teso, e serio, a cara perfeitamente rapada, sempre limpo e diligente, John Anderson póde te seus trinta e seis annos de idade.

Falla pouco, lê constantemente a Biblia, e mastiga sem cessar grandes pedaços de fumo.

Já foi catholico, presbyteriano, methodista ou episcopal, segundo convinha aos seus interesses; serve ao general Rosas no intuito de fazer *planty money*, e assim que as algibeiras estiverem cheias, fará carelas aos tolos que nelle acreditarão, e sem duvida voltará ao seu palz a *especular*!

Anderson permanece a bordo, só nos dias de serviço, o resto do tempo reside em uma casinhola, bem limpa, caiada e pintada com as suas competentes persianas, situada na Alameda, é a li que os seus compatriotas se reúnem com elle, (menos ao domingo) para mastigar fumo, cantar o *Jankee Doudle* e beber agua de salsa-parrilha; porque Anderson e os seus amigos são carolas da *Temperence Society* ou sociedade dos ex-be-berricadores.

O segundo commandante do Ponton é um Inglez chamado Dick, typo perfeito de John Bull-popular.

Gordo, barrigudo e baixinho, Dick é jovial, e bebe por dia uma duzia de garrafas de cerveja, duas ou tres de cognac, e canta a todo o instante *God save the Queen*.

Dizer que estes dois antipodas não se podem aturar reciprocamente é inutil, basta conhecer as suas nacionalidades para o suppor.

Comtudo Dick, obedecendo ao seu character mais communicativo, chega ás vezes ao pé de Anderson e procura conversar com elle.

A amabilidade de Dick é inutil, que ella não póde dobrar a arida altaneria de Anderson, e tudo quanto obtem em resposta é - um....

- Um! um! americano e mais nada.

O pobre do velho inglez mexe a cabeça, e afasta-se sempre dizendo de maneira que seja percebido.

- *Very bad Jankee indeed!*

Erão dez horas da manhã, quando a balieira atracou a bordo, e o capitão do porto, o juiz de paz, Julião e o preso pisarão o convés do Ponton ! Jimeno transmitiu aos dois commandantes as ordens respectivas ao prisioneiro, fazendo-os responsaveis com suas vidas pela pontual execução, dessas ordens que dizião respeito ao selvagem unitario, tão importante para S. Ex. o illustre restaurador.

O preso seria carregado de ferros, incommunicavel, e só lhe seriam transmittidos os objectos que viessem por via directa do governo ou da policia.

Alcina ouviu tudo sem nada objectar, ou reclamar; tinha-se promettido a si mesmo – soffrer em silencio, e mostrar sempre rosto sereno e coragem augusta em tudo o que individualmente lhe dicesse respeito.

O capitão do porto e os demais acompanhantes afastarão-se em direcção a terra, e o peso carregado de ferros desceu a um dos camarotes situados no fundo do barco.

*Continua.*

---

## CHRONICA DA SEMANA.

Principio participando-vos, benevolas leitoras,

que fui á Petropolis, pela primeira vez, e fiquei encantada! Nunca vi lugar do Rio de Janeiro que mais me agradasse, mais lindo, mais cheio de novidades tão encantadoras! Estive apenas 48 horas, fui no sabbado e voltei na segunda-feira passada. Mas, oh meu Deus, como passei eu essas 48 horas! Não sei! Pernoitei entre as familias hospedadas no *hotel Suisso*, uma noite fria e agradável, amanheci sob um clima europeu embalsamado pelos odores de uma vegetação frondosa e bella, rodeada de verdes montanhas guarnecidas de centenas de casinhas alvas como um jasmin, aspirei os alentos de uma vida toda nova, gradualmente me senti alegre e robusta, e a minha primeira idéa foi escrever estas linhas antes do almoço, depois que voltei de um delicioso passcio pelo *Palatinato*.

Voavão as horas. Acabado o almoço, fiz novo *toilette* e fui a solemne festa de S. Pedro de Alcantara, á qual assistirão SS. MM. II. e immensa gente do lugar, depois ver desfilar todo aquelle povo - corte, roceiros e colonos - os cumprimentos de uns, as medidas de outros, as perguntas, as respostas; dahi a pouco o abundante e appetitoso jantar do *hotel Suisso*, as saudes, os brindes, a conversação espirituosa, os ditos agudos á sobremesa; a alegre e festiva tarde passada entre mil distracções; á noite um esplendido baile onde afluíu tudo o que de melhor havia em Petropolis, e acabou ás 3 horas; no dia seguinte a viagem de caleça pela magnifica estrada da Serra (ai! segredo.... que o não saibão as estradas do Engenho Velho, Larangeiras, Cajú e mais familia.) E a parada que se faz na casa do Sr. coronel Albino! oh, que chiste que ella tem tão particular! Emfim, tudo isto, benevolas leitoras, succedendo-se sempre com novidade até pôr o pé na barca que nos devia conduzir para a côrte faz a gente perguntar a si mesmo - Como passei eu 48 horas em Petropolis!

Na viagem da barca soube eu de uma descoberta, que o velho Santos ainda não deu com ella; ri-me a não poder mais da lembrança e da graça com que o sujeito a referia:

Era um grupo de cinco rapazes. Tratavão elles das *maçadas* que certos sujeitos, que saem de suas casas somente para conversar pelas ruas, dão a torto e direito em todos os amigos e conhecidos que vão encontrando, em prejuizo dos que tem trabalho e horas contadas. Dice o tal mais espirituoso:

- É porque vocês ainda não derão em usarda minha receita; por ora não tem falhado em nenhum caso, por mais rebelde que seja.

- Oh! homem! por espirito de humanidade, disserão todos á uma, revela-nos essa receita.... Eu, que sou empregado publico, se me posso li-vrar das taes maçadas !...

- E eu! que sou corretor.. dice outro.

- E eu! que sou guarda livros por partidas dobradas.... exclamou terceiro.

Pois, meus senhores, eu faço versos, proseguir o primeiro, e às vezes ando cá com os meus botões e as minhas unhas em contenda renhida á espreita de certo pensamento ou consoante que se me faz preciso, ao mesmo tempo que tenho de sahir diariamente para ir jantar com um amigo, que ás tres horas está á mesa e ás tres e meia já está de palito a janella. Bem podem ver que não ha tempo a perder; um qualquer infernal *maçante*, 10 minutos que me roube na rua, vai ferir gravemente os sagrados deveres do meu estomago, què a essa hora é um leão devorador! O amigo levanta-se da mesa, vem os caixeiros, estomago de caixeiro é o mesmo que o de poeta, e quando eu lá chego por descuido mais tarde tenho de fazer uma nenia á ossada, ou uma estrophe ás migalhas de pão. Portanto saio de casa, ninguem me chame que eu não ouço; não vou pela rua do Ouvidor que estou perdido, é a rua dos macistas-móres, tomo a rua do Rosario, os caixeiros pelo faro já sabem que não compro nada; chego a baixo, rua Direita não me pilha a essa hora que ha muita gente sequiosa por dois dedos de conversa, becco das Cancellas e rua da Candelaria é o meu caminho até chegar á rua das Violas, ali faço pròa á rua Direita, e lá me encaixoto na casa do amigo. Récipe - Se nesta digressão esbarro-me com *algun dos taes*, como me apanha voltado para S. Bento, digo-lhe que vou com pressa ao arsenal ver um amigo que embarca naquelle momento, e se éna volta - adeus, adeus que vou pilhar o omnibus, ou abarca - conforme a altura em que me apanhão.

- Bravo! bravissimo! repetirão os outros em côro.

- Qual! Vocês não calculão estas cousas, por isso achão novidade na receita. Não ha aqui cousa que admire, respondeu o gaiato. Querem vocês saber de outra ainda melhor? Toda moça que vai á igreja para conversar ou namorar procura sempre assentar-se nos estrados por baixo dos altares; e a razão é porque dahi a pouco chegão outras que taes com as mesmas intenções,

– 135 –

benzem-se com um mal feito *pelo signal*, assontão-se logo depois, olhão-se, dão uma risadinha, e ahi pega a conversa fazendo *páo de cabelleira* umas ás outras. Isto sim, isto é que é mais fino; ora observem vocês, e verão o que eu lh es digo.

Não vê que o meio da igreja não lhes faz conta, porque ficão de costas para os *pintalegres*, ou os obrigão a ir para as portas da capella-mór, onde não é conveniente estar para se não esbarrarem com o carão do pae, que lhes fica então de fronte.... Observou o corretor.



E cono a conversa estendeu-se até ao caes dos Mineiros, acho prudente, benevolas leitoras, parar aqui. O que é verdade, é que o gaiato tem razão; pareceu-me filho do Santos pela sagacidade.

Quizera fallar-vos do brigue novo de nome *Maranhão*, que foi ao mar sabbado passado, mas ao mesmo tempo vejo que essa noticia não vos póde agradar; viremos folha.

O campestre esteve mui brilhante desta vez. Reappareceu do seu retiro saudoso, umas das vaporosas bellezas dos nossos salões e continua a fulminar tyrannamente os embatucados *leões* acurvados pela força de suas seducções. Assim, minha rica senhora, não os deixe pôr o pé em ramo verde; são uns gulotões sem estomago!

A Rainha de Chypre! Ora qual de vós deixou de ir sabbado ao Provisorio ouvir a Rainha de Chypre, essa bella inspiração de Paccini! A Senhora Zecchini foi victoriada, e com razão, pelas provas que nos deu de seu adiantamento; o Sr. Labocceta tambem o foi. Havia um terceiro que, pela sem cerimonia com que appareceu entre os bastidores, fez-me crer que tambem esperava a sua vez. Mas era um soldado da Rainha. Ninguém o chamou.

Não me dirão o que vai fazer ao theatro, em noite de cantoria, uma e timavel senhora com suas quatro mucambas, duas crianças de peito, tres escravos, um moringue de dois bicos, um copo e salva, e um banquinho?!.... Sabeis o que aconteceu? Ficou por cima de meu camarote, berrárão as crianças toda a noite, e por serem muito estimadinhas (ai Jesus!) suffocavão-lhes o choro por momentos á força de maminha, para tomarem folego e berrarem mais. Uma trovoadá composta de arrastões de cadeiras e de pés descalços e calçados parecia desfazer-me o camarote em quatro pedaços! E para não ser trovoadá secca quebrou-se o moringue com grande estrondo e o meu camarote ficou alagado!.... Ora ainda ha muita gente do tempo de dantes!.....

- Santos! oh Santos!

- Aqui estou, minha ama.

-Vae saber, assim como quem não quer a cousa, que tal é essa preparação medicinal alcunhada - *Tricopherous*, que faz os cabellos pretos, luzidios e flexiveis. Quero inculcal-a a algumas pessoas de minha amizade, para livral-as de uma outra composição infernal que lhes põe o cabello em miseravel estado.....

Olha; e pergunta aos Srs. Mercês e C.<sup>a</sup>, na praça da Constituição n. 19, se aquelles lindos versos do Sr. Joanicó, feitos em Montevidéo e postos em musica pelo Sr. Ribas, já estão a venda, que me mande um exemplar; desejo apreciar as melodias deste artista, e o pensamento do poeta. Dizem-me que vale a pena comprar; vejamos.

- Fique minha ama descansada que estou de volta em meia hora. Vou ver então o *Tico feio e as Mercês da companhia do largo da praça....*

-Sim, sim, é isso mesmo anda e vai; não te faças de palerma, que não é preciso agora.

E foi-se o Santos com o seu passo vagaroso e espreitador.

Boas noites; o dito, dito!

24 de Abril.

*Bellona.*

---

### **JORNAL DAS SENHORAS**

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PRECO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.